



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS  
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL  
DE05582008GRC



# Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo  
Director: Padre João Rosa  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

25 de Abril de 2009 • Ano LXVI • N.º 1699  
Preço: € 0,33 (IVA incluído)  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa  
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt  
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

## REFLEXO PASCAL

Padre João

NA minha mesa amontoam-se recados disto, daquilo e de tudo: calvário meu que — reconheço — não sou homem de papéis, tantos! Um dos tais, já em duplicado, como pude verificar pela letra dizia: “e... telefonaram do estabelecimento prisional por causa dele que insiste em ter uma visita sua urgentemente...” Visitar os presos é uma obra de misericórdia. Além disso: “Eu estava preso” — assim diz o Mestre. Portanto é uma ordem!

No rescaldo das festas pascais aguçou-se-me o espírito... não tivesse eu pregado o Mistério da Cruz em Sexta-Feira Santa...

Era uma cadeia de “alta segurança” pelo que tive de me sujeitar, sem qualquer constrangimento, a todos os procedimentos legais, perfeitamente compreensíveis. O meu cartão sacerdotal em dia facilitou e tranquilizou a segurança.

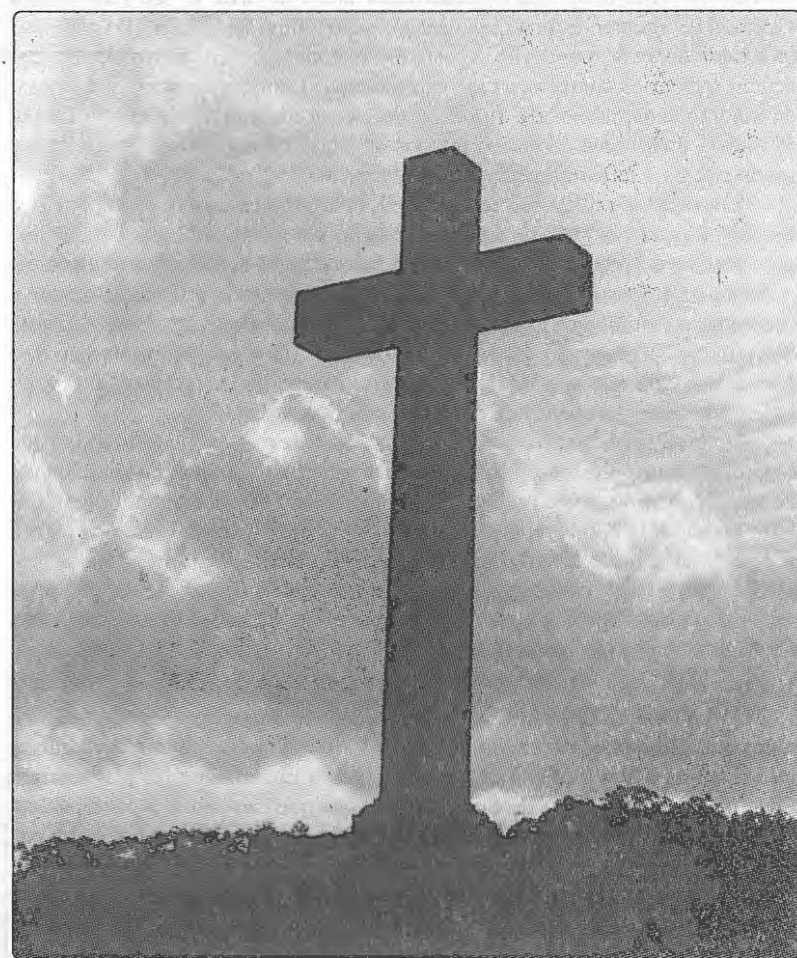
O recluso era um rapaz nosso que eu conheci era ainda menino. Tinha vindo do Alto Minho. Tendo conhecido a situação dramática em que a sua vida desembocou, aceitei a seu pedido, ser testemunha abonatória, apesar da sua grave falta: “Senhor Doutor — disse ao ser interpelado pelo Meritíssimo sobre a sua capacidade de recuperação para a sociedade — a fé no homem seja a última atitude a desaparecer do nosso horizonte social...” Nada terei dito de extraordinário, mas, creio, ter ajudado na decisão. Precisamos de acreditar sempre em Deus e no homem Sua imagem, mesmo quando esta fica ofuscada. E, como o colectivo tivesse ficado de ar circunspecto, acrescentei — eu que conheci bem de perto as oportunidades que este jovem, de 23 anos, teve e desperdiçou — “se algum de nós tivesse sido a criança que ainda o habita que tipo de pessoa teríamos sido nós?...” Ali, ao pé dele, numa sala, enorme e

fria, voltei a ouvir a mesma história, com pormenores repisados pela ansiedade, pela insónia e pela solidão e o meu espírito voou ao lugar do nosso primeiro encontro: “aquela casa onde o senhor padre me conheceu, a mim e à minha avó tinha eu 9 anos...” É cloro que um nó indistarcável me atraíou... Aquilo não era uma casa, mais parecia um palheiro, em pleno descampado. Apesar disso, era uma velhinha idosa e trôpega — a sua avó — quem segurara a sua frágil e esfarrapada infância; era ela ainda que mantinha acesa a sua pequenina luz...

Tendo vivido alguns anos sob o nosso tecto regressou à família que, em jeito de remissão, o acolheu de braços abertos... Mas o tempo de uma criança é único e irreversível. O vazio era fundo demais. Não se adaptou... Já a adolescência alta e as tentações da vida fácil e o desamparo precipitaram o descalabro. O tempo da minha visita tinha-se esgotado e até fora ultrapassado sem eu dar conta.

Ficou por me dizer na próxima, como ocupa o “seu” tempo... Sai remoendo um pensamento que me consome no trato diário com adolescentes e crianças: “onde falha a família tudo o mais são remendos”. É do Padre Américo! Se o melhor do mundo são as crianças, como o disse o nosso Poeta, que será deste Bem sem família capaz ou destroçada por vendavais como o desemprego?!

Armando Leandro recordou, há pouco tempo esta verdade contundente: “a qualidade humana está dependente da qualidade da infância”. Sem dúvida! Por isso é tão importante que todos nós, como peças de um “puzzle” que se chama educação saibamos estar no lugar e na hora certa. O tempo de uma criança é irreversível e os atrasos são catastróficos. □



## SETÚBAL

Padre Júlio

### As famílias são heróis desconhecidos

FICO perplexo perante a situação de numerosas crianças entregues a famílias para serem adoptadas, e que por rejeição, antes de passados os seis meses do prazo legal, regressam ao ponto de partida, prontas para nova experiência.

Há bem pouco tempo tivemos em mãos uma situação destas. Eram dois irmãos que passaram por uma dessas provas, e que passados os seis meses tiveram de regressar à origem. Uma segunda experiência para o mais novo resultou na sua integração numa família. Para o mais velho foi-nos feito o pedido de acolhimento.

Sabemos como já existem hoje pais que fazem a selecção dos filhos que lhes irão nascer. Neste como noutros casos, os filhos vão sendo objectos em suas mãos.

A ordem natural da vida deixou de ser tida em consideração em muitas situações. Os homens fazem e desfazem a seu gosto como se estivessem fora da cadeia da natureza. Quando há anos surgiu a doença HIV, dizia-se que a natureza se vingava. A desordem, de facto, não é sinal de paz, antes de caos.

Os filhos naturais ou por via de qualquer modo de adopção, têm de ser acolhidos como um dom, para nós dom de Deus. Há também muita gente que trata as coisas assim, vejam-se aqueles casais que acolhem crianças com problemas de saúde. De outro modo estará em primeiro lugar o interesse dos adultos em detrimento do das crianças, prevalecendo o forte sobre o fraco. É a desigualdade com os seus males.

Em matéria tão imprevisível como é acolher uma criança pela ordem natural ou não, tem de prevalecer o interesse do mais fraco. Ao longo da história, o homem sempre se sentiu chamado ao heroísmo e a vencer-se a si mesmo. Quantas vezes, nestas matérias, são as famílias verdadeiros heróis desconhecidos?

Na transformação do mundo, muitas vezes são as coisas tiradas do seu lugar para mais tarde o recuperarem. Também hoje é necessário repor aquelas que desvirtuam o que é próprio do ser humano. □

## PÁGINAS ESCOLHIDAS DE PAI AMÉRICO

Padre Carlos

A devoção do seu Editor quis repetir a apresentação, agora em lugar mais informal e frequentado por juventude, a FNAC do Centro Comercial de Matosinhos. Ele sabe bem o potencial perene contido nos escritos de Pai Américo e a conveniência do seu conhecimento por gerações que distam meio século da sua partida deste mundo. Foi mesmo esta actividade e o seu valor de futuro o tema da primeira apresentação.

Agora tivemos a presença de uma irmã de ideal e companheira de trabalhos na mesma área social, a Dr.ª Manuela Eanes, que se disponibilizou imediatamente ao primeiro contacto, sinal de um afecto que muito nos conforta.

Algumas destas páginas foram lidas pelo actor Júlio Cardoso, um dos pilares da *Seiva Troupe*, Companhia Teatral que há muitos anos vem servindo a Cultura — e também ele não se fez

rogado. Bem-haja por isto mesmo e pelo acréscimo de beleza que deu a textos já de si tão ricos de doutrina e de tanto encanto literário.

Foi mais um encontro em que sentimos o carisma da simplicidade característica de Pai Américo no ambiente de fraternidade que a todos envolveu.

Escrevo esta nota da nossa Casa de Benguela, aonde ontem cheguei. Mas à despedida, no Porto, o *irrequieto* do nosso Editor preveniu-me de que pensa em outro evento afim na zona ribeirinha do Porto, onde a presença de Pai Américo é, ainda, tão viva. E já agora, lhe sugiro eu que, ou ali ou em outro espaço porventura mais próximo dos destinatários, havemos de fazer uma incursão em terreno das gentes das Letras com a «arma» de servidores da Língua que foi Pai Américo. □



## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

**O ENCADERNADOR** — Já vos falamos mais do que uma vez do caso da família dum ex-encadernador que temos estado a acompanhar nos últimos tempos. Da primeira vez dissemos-vos da nossa impotência em cuidar do principal problema com que essa família se confrontava que era tratar do chefe de família afectado por doença neurológica degenerativa, numa situação em que à esposa faltam a saúde e a força anímica para o fazer e as respostas externas adequadas não existem. Da segunda vez dissemos-vos do nosso contentamento em saber que essa família tinha encontrado, no seu seio, uma resposta adequada para o problema, através dum filho e dum nora que acolheram o ex-encadernador em sua casa prestando-lhe os cuidados de que ele precisa.

Ainda não tínhamos podido ir visitá-lo na sua nova morada. Fomos lá na tarde de Sexta-Feira Santa, sem aviso prévio. É uma velha casa de caseiros próxima do sítio onde o ex-encadernador antes morava. O seu filho e nora vivem lá de aluguer. É uma casa cansada pelo tempo onde há muito não deve ter havido obras de renovação. Apesar disso, nota-se que, naquilo que aos seus actuais locatários compete, a casa está asseada. Também notamos que, apesar da incontinência associada à doença do ex-encadernador, ele estava limpo, não havia uma ponta de cheiro e todos os lençóis e cobertores da sua cama, sendo pobres, estavam impecavelmente limpos.

A nora disse-nos da sua saúde frágil, com problemas nas costas que não lhe permitem fazer grandes esforços. Anda, por isso, por casa a tratar dos dois filhos e do marido, também ele de saúde frágil, a viver de trabalhos esporádicos na construção civil. Os filhos pareceram-nos crianças atinadas e dedicadas ao estudo no ensino secundário. A nora disse-nos, também, do gosto que tem em estar a tratar do sogro e do novo sentido que encontrou com isso para a sua vida que não tem sido risonha. Parece que a restante família do ex-encadernador também está contente com esta situação.

Ainda estamos no princípio, sendo sabido o desgaste físico e anímico que o perdurar dum situação destas causa em quem tem que cuidar diariamente de pessoas com o tipo de problemas de saúde que o ex-encadernador tem. Por isso, vamos andando e vendo, dando não só o apoio material que nos parece ser necessário neste caso, com conta peso e medida (dar sem conta peso e medida não é dar, é esbanjar), mas também assegurando a presença que pode ser uma pequena ajuda para a força anímica que vai ser muito precisa nesta família nos próximos tempos.

**QUINTA-FEIRA SANTA** — Na passada Quinta-Feira Santa, com uma representação das conferências feminina e masculina da paróquia, mantivemos a antiga e boa tradição de convidar para a Eucaristia e para o jantar na Casa do Gaiato de Paço de Sousa as pessoas que andamos a acompanhar. Nem todas querem, ou podem vir, mas, geralmente, aparece grande parte das que habitam as casas do Património dos Pobres. Este ano também foi assim. Faltaram-nos dois homens. Um deve ter sido por causa do vício do álcool que não o larga e que o deve ter apanhado nesse dia. Outro já há tempos que não pode sair de casa. Soubemos, nesse dia, que familiares o tiraram da casa do Património dos Pobres e o levaram para outro lugar. Vamos passar por lá brevemente para saber o que se passa.

Quem dera que esta presença das nossas conferências numa tarde da vida dos rapazes do Gaiato desperte nalguns deles para a atenção que devem dar a quem precisa de ajuda, para que nunca se esqueçam que, se agora estão na situação em que estão, é porque há quem tenha este sentido da ajuda ao próximo. Ai deles e da Casa do Gaiato se se esquecem disso!

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

## LAR DO PORTO

Adelaide e José Alves

Vou dar notícia daqueles que o Senhor pôs no nosso caminho: A mãe dos sete filhos, continua a dar graças a Deus pelos filhos que tem. O mais velho faz este mês 18 anos e continua a ser um exemplo de jovem; anda a estagiar. Continua com bom aproveitamento; neste momento, está a precisar de uma impressora que nós bem gostaríamos de lhe dar, mas não nos é possível. Os outros filhos também têm bom aproveitamento e são crianças felizes, porque saudáveis, mesmo com as muitas dificuldades financeiras. O pai é que, por vezes, anda doente e vai ao serviço quase sem poder trabalhar; mas ele diz: «São muitas bocas para alimentar; a roupa e o calçado não são precisos todos os dias, mas a alimentação já não é assim.»

Esta família estava com algumas dívidas, mas com a graça de Deus, uma nossa Amiga, de Lisboa, mandou-nos, uma vez, quinhentos euros, outra vez, duzentos, esse dinheiro deu-lhes muito jeito, pagaram a maior parte das dívidas que tinham.

A outra família, de quatro filhos e duas netas gémeas, é muito complicada. «Quando a cabeça não tem juízo, o corpo é que sofre» e as crianças são as maiores vítimas. Os filhos que dormiam juntos, neste momento, já dormem no beliche que uma nossa Amiga, que se encontra na Ucrânia, nos mandou (o dinheiro) e ainda deu para comprar uma secretária e uma cadeira para os filhos que andam a estudar terem o mínimo de conforto. As gémeas estão grandes. Todos os meses compramos leite e papas e fraldas, e só aí vai muito dinheiro.

A esta família temos de dar os produtos, só assim temos a certeza de que as crianças têm o seu alimento.

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — A D. Helena, de Lisboa, mandou-nos uma carta cheia de carinho pelos mais Pobres e mais 500+200 euros. Da Ucrânia, o dinheiro para o beliche e palavras de muita força para continuarmos. D. Susana, do Porto, 30 euros. D. Emília, de Gaia, dez euros. D. Maria Dulvelnia, do Porto, oferta de roupas. D. Lígia, de Fiães, sempre palavras de amor e 75 euros. D. Maria Júlia, obrigada pelas palavras de força e pelos dez euros.

Em nome de todos aqueles que são ajudados, Deus vos compense. □

# Pelas CASAS DO GAIATO

## PAÇO DE SOUSA

**PROJECTO GAIATO ESCOLHE** — Tal como o nome indica, este serve para todos os que querem escolher um modo de vida diferente. É como uma semente que é lançada à terra: se a negligenciarmos ela pode nascer e crescer sem brilho, ou pode nem sequer nascer. O nascer de qualquer coisa resulta do que semeamos... Cada um colhe aquilo que semeia.

Este projecto tem como função acompanhar as actividades escolares e sociais.

Meirinho

**ESCOLA** — Com o início do 3º Período, é preciso dar algumas normas aqueles que não foi famoso o período anterior. Aos do 9º ano tem que trabalhar para o próximo exame intermédio de matemática, que se realizará no próximo mês. Bom trabalho!

**PADRE CARLOS** — O nosso Padre Carlos foi, na passada Quinta-Feira Santa, para uma das nossas casas de África dar descanso ao nosso Padre Manuel António, e para que este possa visitar a sua família aqui, em Portugal. Boa estadia, para o Padre Carlos e, para os Gaiatos de África, um grande abraço!

**ANIMAIS** — Apesar de serem poucos porcos, está prestes a chegarem pequeninos ao mundo. O «Meno», com o seu trabalho árduo e carinhoso com os animais, foi, no Domingo de Páscoa, alimenta-los e disse bem humorado: «Estou a dar o pão-de-ló às vacas».

Podíamos ter maior variedade de animais, mas só temos vacas, porcos, cães, coelhos, patos, galinhas e gansos.

Os pequenos da casa III compraram três peixes, o «Peggy», o «Laranjinha» e a «Íris», e um porquinho da Índia, o «Rufus».

**VISITA** — Foi com muito agrado que recebemos uma visita, a mulher de um falecido gaiato, o «Camões», o seu filho e a sua nora, vieram para preencher a saudade e mostrar a

nossa Aldeia para a nora que desconhecia pessoalmente. Obrigado pela visita!

**CASA** — Com muito carinho que tivemos a passar a Páscoa connosco a nossa querida «Tia Jeka» e um amigo o Pedro, uma presença assídua nas férias e todos os domingos. Um Grande Abraço para ambos!

No Domingo de Páscoa como todos os anos recebemos em nossa Casa o compasso, e de seguida tivemos uma merenda-ajantarada.

**MENSAGEM** — Entre os versos da Vida, esconde-se o trinar da Quaresma!

**TEATRO** — O grupo de teatro da Casa, tem tido muitos ensaios com a peça «Nós e os Outros», visto que a grande estreia será no dia 2 de maio, sábado pelas 21h30 no auditório da nossa Aldeia. Bons ensaios.

Zé Reis

**DESPORTO** — Desta vez, não jogamos em casa, nem nos arredores. Não. Fomos até Melgaço, jogar com os Juniores do S. C. Melgacense, que pertencem à A. F. Viana do Castelo. Saímos de casa às 07h45. Hora marcada e rigorosamente cumprida por toda a gente. Foi assim que todos se comportaram até às 21h00, hora a que chegamos à nossa bonita Aldeia, já toda iluminada.

Toda a viagem até ao Centro de Estágio de Melgaço, foi feita num «vê se te avias, que se faz tarde», já que o jogo estava marcado para as 11h00. Nós não gostamos de chegar atrasados, muito menos de faltar aos nossos compromissos. Quando lá chegamos, dirigimo-nos à recepção do Centro, e tudo ficou à nossa disposição. Fomos informados de que o relvado principal estava em tratamento, nós vimos com os nossos próprios olhos, pois tinha estado a estagiar naquele Centro, à umas semanas atrás, uma equipa da Roménia e outra de Angola. Ora, nós não nos pudemos dar ao luxo de semelhantes estágios, mas frequentar estes meios...! Jogamos no campo número dois como que a «representar Portugal». Faz de conta... como eu

digo muitas vezes às minhas netas! Somos pequeninos, mas às vezes, confundimos e baralhamos as ideias de muita gente...! É a vida?!

Mas vamos ao jogo. Um jogo difícil, como era de esperar. Começamos por sofrer o primeiro golo, logo aos 10 minutos. O certo, é que dez minutos depois, Agostinho, que podia ter «facturado» pelo menos mais um, fez o empate. A partir da li, começamos a mandar no jogo, mas por pouco tempo, já que havia alguns dos nossos Rapazes, que não souberam... acompanhar o esforço que outros colegas da equipa estavam a fazer; como tal, tudo estava a ir por água abaixo. Isto de haver dois amores..., não pode continuar — digo eu!

Eles fizeram o 2-1; o 3-1 e o 4-1. Eu não queria acreditar. Tínhamos capacidade para mais. Foi então que saltou do banco «Joaninha» para fazer o 4-2; pouco depois, André «Espanhol», que também saiu do banco, fez o 4-3; e a cinco minutos do final, Ilídio, que algum tempo antes tinha mandado uma bola ao ferro, fez o 4-4, fixando o resultado final. Mais não marcamos, por que o jogo acabou. Só pode haver um clube na nossa cabeça: o Gaiato e mais nenhum! Se assim não for... não pode haver bons resultados!

Escusado seria dizer que, fomos muito bem recebidos, e que ficamos com as portas abertas, para quando nós quisermos...!

Depois do jogo, fomos até Lamas de Mouro (Gerês), muito perto da fronteira espanhola, onde almoçamos e descansamos um pouco. Após o merecido descanso, retomamos a viagem para atravessarmos uma pequena parcela do Gerês, apreciando as belas e espectaculares paisagens da natureza, até Arcos de Valdevez, onde merendamos por volta das 18h30. Sempre com a presença viva do nosso Padre João e de mais alguns casais, que nos acompanharam de manhã até à noite.

Quando toda a gente estava bem comida e bebida, levantamos voo (de carro), com destino a casa, com toda a gente feliz e contente, por tudo ter corrido tão bem. Graças a Deus. Esta já passou!

Alberto («Resende»)

## MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

**DESPORTO** — A 28 de Março, o nosso Grupo Desportivo defrontou, no nosso recinto de jogo, uma equipa de juniores do Mirandense, em que empatámos a duas bolas.

A prática desportiva, na nossa Casa, é frequente. Nos tempos de recreio, o ringue está sempre ocupado e não faltam os pedidos de bolas, de futebol e basquetebol.

**CATEQUESE** — O tempo da Quaresma é importante para prepararmos bem a Páscoa do Senhor. Neste sentido, na nossa Casa, no dia 1 de Abril, pelas 19h30, na nossa Catequese, fizemos uma Via-Sacra, orientada pelas nossas Catequistas, na nossa Capela.

Com o sofrimento de Jesus Cristo, o mundo foi salvo.

**RAPAZES NOVOS** — Continuam a ser admitidos mais Rapazes novos, pois a situação económica e social é de crise.

Desta feita, a 10 de Março, o nosso Padre Manuel e o Prof. Paulo foram receber o Victório (4 anos), a Alfornelos.

Depois, em 23 de Março, deslocaram-se a Alfragide, para receber o N' Goteló Rocha (4 anos).

Ambos os meninos são provenientes da Guiné-Bissau.

Muitas felicidades, nesta nossa Família!

**AGRO-PECUÁRIA** — A agricultura e o cuidado dos animais exigem trabalhos permanentes.

Às vezes, acontecem imprevistos. No nosso rebanho, infelizmente, houve quatro baixas, inesperadas: duas ovelhas e dois cordeiros.

Da palha enfardada, no ano passado, vamos dando diariamente fardos de aveia aos ovinos e aos bovinos.

Do milho grão que se colheu, temos descarolado algum para moer e, assim, dar alimento aos animais.

No olival da mina, andou-se a fazer

uma limpeza ao terreno e o arranjo das oliveiras, pois as ervas daninhas tinham crescido muito. Nesse sítio, nasce a água que alimenta a nossa fonte.

Como se aproxima a sementeira (plantação) da batata, daquelas que apanhámos, no ano agrícola anterior, escolhemos as melhores.

Uma senhora amiga, de Coimbra, deu-nos 12 sacos, que agradecemos.

Os terrenos foram limpos e lavrados para receber os tubérculos.

**120 ANOS DE PAIAMÉRICO** — Conforme foi publicitado, em devido tempo, uma Comissão de Amigos (senhor Maximino, senhor Amável e Professora Fernanda), com a Diocese de Coimbra (Sr. Bispo de Coimbra, D. Albino Cleto; Cónego Aurélio, Reitor do Seminário; Seminarista Francisco), mais a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, a Câmara Municipal de Coim-



## REFLECTINDO

Padre Telmo

A carta do Manuel António despertou-me para tantas recordações!

Eu era um «monandengue» (caloiro), teria 40 anos e havia poucos meses que tinha entrado para a nossa Obra. Padre Horácio mandou-me fazer um peditório em S. Martinho do Porto. Atrapalhado e sumido no banco da carrinha, lembro — foi o «Caneco» que me amparou e me deu ânimo. Ele era, então, aluno do Liceu e durante o peditório foi meu professor. Não mais esqueci. A sua carta é linda — fruto saboroso para ser saboreado. Consolou-me.

Tens razão, Dr. Manuel António: «Continuarei sempre gaiato e defenderei com toda a lucidez e energia a Obra de Pai Américo, e a minha família, dos seus detractores por melhor que sejam as suas ignotas intenções».

\*\*\*

Recordei ao ler — o Chico — um dos primeiros que Pai Américo empregou em Angola: No fim dum peditório numa igreja de Luanda, apareceu na sacristia e sem mais: «Vamos almoçar a minha casa. Eu sou o Chico, um dos primeiros da nossa Obra.» Abraçámo-nos. «Mas nós somos tantos!» «Cabemos todos, são

meus irmãos.» A senhora — sua esposa — acolheu-nos com tanta simpatia!

Recordo ainda em Viana do Minho, depois de na Missa fazermos uma campanha de assinaturas, entrou um senhor a quem o Pároco tratou por «senhor engenheiro». Chegou até mim, abraçou-me. «Já não me conhece?» Já não conhecia. «Vão todos comigo, somos família.» Uma lágrima! Porque não?

\*\*\*

Agora, uma carta deste Natal: «O Natal é a data grande da cristandade!... Celebra-se o nascimento de Jesus.

Vida, alegria, amor, presentes, esperança — criam o clima festivo deste evento universal.

A alegria do nascimento de Jesus está destinada a todos os corações humanos!...

Que neste dia as crianças tenham a sua noite de riso e alegria, que os presentes do pai natal encantem suas brincadeiras!... E que nós, adultos, partilhemos integralmente do prazer infinito que sentem.

Aprendi a ter Natal na Casa do Gaiato de Malanje!... Além de me darem prendas, ofereciam-me alegria e paz... a certeza que estava em família.

*Nas Casas do Gaiato as crianças não ficam sem Natal!... É o timbre brilhante que fecha um ano de felicidade, dando início a outro.*

*O Natal não precisa de ser branco de neve!... Basta sonhar que nasceu o Menino.*

*Feliz natal para todos os Rapazes e, mais, para os «Batatinhas».*

*Um abraço natalício para o senhor Padre Telmo, deste Rapaz que o pretende e almeja como pai.»*

\*\*\*

Veio. O pai está na cadeia. 15 anos! No segundo dia fugiu. Queria mesmo ir embora, andou dois dias por lá. Veio, de novo, com paludismo. Começou o tratamento — sempre com a ideia de ir para a mãe, que está em Luanda. Ficou bom. Marcámos-lhe a viagem. Que não. Já não queria mais ir embora. Cá está e com alegria no olhar!

Não há educação sem amor... Sentiu-se amado. Ficou.

\*\*\*

Domingo, à tarde, vamos sempre à Carianga com os mais pequeninos. É um gosto olhar os vitelinhos. Hoje, visitámos o campo de milho, «cada um tira uma espiga para assar».

bra (Presidente; Vereador da Cultura, Dr. Mário Nunes; Dr. António José) e a Associação dos Antigos Gaiatos e Familiares do Centro (Professor Francisco e José Martins), levaram a efeito, em Coimbra, um programa de evocação de Pai Américo, como Homem, Padre e Educador.

No dia 7 de Março, pelas 15h00h na Igreja de S. Tiago, houve uma mesa redonda sobre Padre Américo, em que usaram da palavra: o nosso Padre Carlos, o Professor Doutor Ernesto Candeias Martins, a Professora Doutora Maria Manuela Lopes Cardoso e o Sr. Bispo de Coimbra.

A nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo esteve presente com muitos Rapazes, o nosso Padre Manuel e alguns colaboradores como: o Professor Paulo, a D. Cecília, a Mafalda,

o casal Trindade. Marcaram presença muitos Amigos, Sacerdotes, Seminaristas e antigos Gaiatos, tendo Vítor Agostinho dado um testemunho. Para além do Município de Coimbra, também se fez representar o Município de Miranda do Corvo.

Nesse mesmo dia, com a sala cheia, da Galeria Almedina, pelas 17h30, foi inaugurada uma exposição evocativa sobre Pai Américo e a Obra da Rua, que esteve patente até 19 de Março.

O espólio mostrado é parte do que veio das nossas Casas do Gaiato de Miranda do Corvo e Paço de Sousa.

Entretanto, foi apresentado pelo Senhor Arcebispo de Évora, D. José Alves, que se deslocou expressamente, mais um livro do Prof. Ernesto Candeias: *Amor, Meditação*

e Acção — A Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar. Seguiu-se uma sessão de autógrafos.

A 15 de Março, na Igreja de Santa Cruz, pelas 10h00, houve uma celebração Eucarística, presidida pelo Sr. Bispo de Coimbra, em que participaram alguns Sacerdotes da Diocese e da nossa Obra, muitos Amigos e Rapazes da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, em especial todos os mais pequenos. □

## Cantinho da Poesia

## Sentimento Profundo!

*O que sinto será carência*

*Ou carinho que procuro*

*Para lá do Horizonte?*

*O que sinto será mágoa*

*Que o meu coração*

*[trespassa*

*E que o tempo não cura ?*

*O que sinto todas*

*[as manhãs*

*Será a felicidade*

*Da verdadeira*

*[paz interior?*

*O que sinto todas as noites*

*Virá da fé com que rezo*

*E exalto o Seu Nome?*

*O meu desejo é a paz...*

*Da amizade vivida;*

*Da humildade partilhada;*

*Do orgulho transformado;*

*Da aceitação de ser*

*[como sou;*

*E da virtude de ser Gaiato*

Zé Reis

## SETÚBAL

Gonçalo Leite

**ESCOLA** — Depois das nossas férias da Páscoa, começou o terceiro período. No segundo, alguns dos nossos rapazes tiveram más notas e outros boas. Os que tiveram notas más, neste terceiro período têm que subir, porque senão irão chumbar.

Esperamos que neste Período venham a ter melhores notas.

**OBRAS** — O senhor Paulo já terminou a transformação da antiga casa-de-banho da casa 4 numa nova sala. Agora começou a fazer obras na casa-de-banho da casa 1, que estava a precisar de ser remodelada. Ele agora vai por azulejo novo, pintar as paredes e arranjar os chuveiros.

**FUTEBOL** — Aqui há dias o nosso treinador, o David «Troço», fez as eleições para ver quem era o capitão de equipa e o sub-capitão, que foram o Nuno e o Cláudio.

Começamos agora a treinar para que a nossa Casa ganhe o próximo jogo que será em Paço de Sousa.

Espero que este ano a nossa equipa traga a vitória.

**BAPTISMOS** — Na vigília pascal, o Luís, o Hildeberto, o Diogo e o Danilson foram baptizados.

Vieram alguns dos seus familiares e também cá estiveram alguns gaiatos antigos para nos visitar.

Houve no final uma festa no refeitório que correu às mil maravilhas.

Os rapazes estavam muito entusiasmados e felizes.

**SILAGEM** — Já começou a nossa silagem da cevada, que servirá para dar às nossas vacas de alimento. A cevada que restar servirá para fazer fardos, o que também é muito importante para a alimentação das nossas vacas. □

No tempo mais feroz da guerra, uma espiga de milho assada era uma fortuna, uma alegria, uma refeição... Hoje, é só costume, alegre e feliz.

O lume, o rito da assadura, o prazer de mastigar. «Cada um a sua» — alguns não resistiram e o bolso denunciou...

— Então? — Olhos baixos.

— É bonito?

— Não.

Ele em silêncio e os outros mastigando, devagarinho.

\*\*\*

Temos três contadores de histórias: Fausto, Mendes e Toi — cada um, seu estilo.

Entram sempre macacos, leões, tubarões e, até, toupeiras e lebres...

Delício-me a ouvi-los! Na última, o Fausto, conseguiu, com a toupeira e a lebre, matar uma leoa com os seus filhotes... Arrojado, este Fausto! Só que lhe custa muito chegar ao fim.

Será o começo de três bons escritores? Acredito que sim.

Vejam só: O tubarão convida o macaco a visitar a casa do pai que estava muito doente, lá no meio do mar. O feiticeiro, lá do sítio, tinha receitado um coração de macaco. Este que «sim, senhor», mas que tinha deixado o coração na palmeira. Aí vai o tubarão a toda a velocidade, com ele nas costas, pelo coração.

Quando chegaram, ficou o tubarão na beira da água e o nosso macaco subiu rápido pela palmeira. Lá no cimo acenou ao tubarão um adeus escarninho.

Se amanhã o nosso Fausto contar aos vossos filhos as aventuras dos macacos nas florestas que estamos destruindo e a beleza dum tubarão rasgando as ondas do mar — não pasmeis admirados. Vossos filhos ouvirão com prazer.

\*\*\*

Trouxeram à minha presença o Manucho. «Ele tirou um «sape-sape», tinha-o no bolso, tirou-o e deu-mo. Todos de volta e ele sumido sob os olhares dos seus companheiros.

— Sabeis que ainda não conseguimos comer uma sobremesa dos nossos frutos que amaduram em Março? Sape-sapes e mangas de Março.

— Uma coisa boa ou uma coisa má?

— Uma coisa má. — Responderam todos.

— Diz, Manucho.

— Uma coisa feia. Não volto.

Hoje mesmo plantámos sete sapoteiras. Há quinze dias plantámos seis — prenderam cinco.

— Para quem está plantando os abacateiros?

— Para os seus netos.

Ficou pensativo e seguiu o seu caminho. □

## MALANJE

Padre Rafael

É Semana Santa. Em nossa Casa preparamo-nos para celebrar, com toda a Igreja, o maior Mistério da Humanidade e, ao mesmo tempo, para nós, é a única realidade credível, num mundo que se constrói vivendo em volta de quem sofre.

Deixámos as nossas actividades, por volta das três da tarde, para celebrarmos a Última Ceia de Jesus com Seus Discípulos. O Povo gosta de celebrações longas, e os nossos «Batatinhas» adormecem com as cabecinhas apoiadas uns nos outros. Não fizemos a lavagem dos pés porque todos sabemos que isso é uma prática diária antes de dormir.

Na manhã de Sexta-Feira Santa, dedicámo-nos a fazer limpeza geral às camaratas. Ninguém foi trabalhar ou para a escola. Reuni-mo-nos, pelas três horas da tarde, para celebrar o ofício que começa com a Via Sacra. Neste dia, lembrámos aqueles que o Senhor chamou para Si, especialmente o Elias e o Capuchino.

É Sábado Santo, fomos colher alguma mandioca para novas plantações nas comunidades. Durante a tarde preparámos a Vigília que começa por volta das dezoito horas. Esta noite, como a noite de Natal, converte-se numa explosão de alegria e júbilo. Ninguém quer que a noite termine, todos esperamos o novo amanhecer e damo-nos conta que esta noite é como a nossa vida, uma vida que rodeada, muitas vezes, pela escuridão celebra, junto aos que estão perto de ti, a renovação dum novo dia.

Oriol tem estado um pouco indisposto devido a uma pequena gripe, a Bete espera a chegada de Montse para poder repartir as tarefas, Bartolo continua a andar como um canalizador que vai de um lado para o outro a tapar buracos, Padre Telmo já enviou meia dúzia dos mais velhos para serem militares, espero que ele não seja o único sinal de ressurreição em nossa Casa.

Agora é dia, um novo amanhecer nos espera, tudo começa a readquirir vida, e nós desejamos acordar por este pedaço de África. Tudo estava envolto em escuridão e quando amanhece te dá conta que as cores se misturam e os sons se confundem, mas no fundo há uma harmonia que, se o silêncio chegar, podes perceber-la.

E amanheceu, o céu está claro, não parece que chova. Os rapazes mais novos começam a perder a timidez dos primeiros dias e alguns começam a sorrir e a jogar com os outros. Permanece um mistério para nós esta capacidade que os rapazes têm de fazer sentir-se parte da família. Hoje chegaram uns, amanhã partirão outros, mas todos vivemos como parte duma grande família.

Feliz Páscoa. □



## MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

## Foi para eles que nós viemos

A O fazer, estes dias, o levantamento de problemas salariais com operários nossos já de há muito, fiquei deveras acabrunhado, sem ver saída para tantos casos.

Quando chegámos havia um único pedreiro na Massaca e, com ele, fomos ensinando mais e mais. No desejo de dar pão a tantas crianças com fome e sem saúde, abrimos creches e foram preparadas monitoras. Só muito tarde com o incentivo escolar, começou a ida para cursos secundários de educadoras de infância e passados alguns anos até cursos universitários estão a frequentar. Com os problemas de mães que durante a noite tínhamos que levar à maternidade a Boane, mais os decorrentes do uso de água estagnada ou quando muito do rio, abrimos postos de saúde. Apesar disso não mudou substancialmente a carência de assistência, porque o Estado, a quem entregámos dois, é o pior servidor. Logo de início lançámo-nos na construção de moradias em alvenaria e latrinas para mudar substancialmente a qualidade de vida das populações. Tendo sempre em mente a palavra de Pai Américo: "Pobre quer tenda com que se entenda" apesar da modéstia das casas, muitos as deixaram degradar a ponto de termos já recuperado algumas dezenas.

Mas passam do milhar. Só por causa das inundações do ano dois mil, foram trezentas em dois bairros. Depois vieram os velhinhos abandonados, noutro pequeno bairro. Por causa da mortalidade infantil, construímos cinco berçários onde alguns bebés têm passado, mais de dois anos a recuperar. Veio a Sida e o atendimento a órfãos que queríamos que as Aldeias assumissem levou-nos a fazer duas casas para doze crianças cada e à formação de grupos de jovens que levassem a mensagem de combate pelas aldeias, orientados pela Maria José que tem sido incansável. Só agora conseguimos ajuda para um lugar de atendimento condigno, aos que em tratamento, não conseguem evitar comportamento de risco e o nosso Posto de Saúde, está para atender casos internados de difícil recuperação. Por isso tem o nome de Casa Esperança. E lá se têm recuperado alguns e praticamente, sempre activo, é mesmo a última esperança que podemos oferecer a quem já a não tem.

Olhando para todo este percurso encontramos pessoas que estiveram ao nosso lado e agora já não podem trabalhar. Uns com idade avançada. Outros minados pela doença. E são pessoas que não vivem sós.

Têm família, até numerosas, nalguns casos.

O dilema é este: Se os mandamos para a reforma que é ínfima, morrem de fome, até na prática nem vale a pena. Alguns com o processo metido há um ano, ainda hoje não têm resposta. Outros com atestado de junta médica do Hospital Central recebem a resposta de que é novo ainda e pode trabalhar. Outros, foram acidentados na estrada, há meses que não vêm ao trabalho e estamos a pagar-lhes o salário. Um ficará incapaz toda a vida. Era Domingo. Vinham do futebol em Boane. O motorista nem carta tinha. Pegou no carro da Casa Agrária sem licença. E agora? Que solução podemos tomar se não continuar a dar-lhes o salário? Não dar é condená-los a morrer de fome mais a família.

Mas são trinta e quatro. Dois mil euros por mês. Quanto vale a vida de uma pessoa. Meu Deus, afasta de nós este cálice. Foi para eles que nós viemos. Perdoa-nos a angústia desta hora e a pouca fé. □

## PENSAMENTO

Eu sou da era em que as crianças nadas em perigo moral, cresciam e medravam no mesmo perigo e iam mais tarde para África, sim, mas com o passaporte nas mãos do comandante — e eram ali seres perigosos. Eu sou dessa era. Hoje, outros tempos, outros costumes.

Pai Américo

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

OLHOS postos em DEUS e andar em frente — é a melhor maneira de conduzir o Património. Não ponho de lado o senso e a experiência mas sigo a norma do Mestre: — O pão nosso de cada dia. Tendo meios para solucionar o problema que me aparece, não olho para trás, nem recuo um passo.

São pouco numerosos os Leitores sensíveis do Património, mas também aqui vejo o dedo de Deus!... é Ele quem toca os corações. Tanto os aflitos como os generosos são encaminhados pelo mesmo Espírito e vêm bater à mesma porta.

Assinante 36543, cinquenta euros.

Mãe que sofre muito por ver os filhos afastados da Igreja, 100 + 50. Quantas mães não sangram pelos mesmos motivos? O mundo enche os jovens de ilusões e falsidades. Eles não se apercebem mas as mães presentem-no largamente e o seu coração chora.

Outra: «Peço-lhe uma Ave-Maria pela minha filha, licenciada, com duas meninas e sem trabalho», 100 euros. Mais, 20 euros, com o número de contribuinte, da Maria Ascensão; e cinquenta, daquela que só encontra doçura no amor de Deus.

Sem palavras, de Castelo Branco, cem euros. De Viana do Castelo, assinante 36299, a mesma quantia e os excelentes dez euros da assinante 11252: «É sempre com interesse renovado que leio 'religiosamente' os seus artigos n' O GAIATO».

Velha Amiga de Setúbal 200 euros. Outra, da mesma cidade e carinho, 104,20 euros. Idem, mais 20 euros. Mais, de um Irmão da Ordem do Carmo, por outro, 125 euros. «Que grande e bonita obra esta de acudir aos mais necessitados!», 30 euros.

«O GAIATO incita-me a desejar pertencer ao grupo dos que se incomodam em vez de se acomodarem», 150 euros.

«Tenho lido n' O GAIATO todos os benefícios que o Património dos Pobres tem feito a tanta gente necessitada de carinho, amor e ajuda. Em face disso, resolvi que o meu pequeno donativo pascal, fosse destinado a essa Obra», 20 euros. Fernanda, de S. Pedro do Sul, 200 euros. Da Covilhã, 25 euros. Leiria, Maria Helena, 250 euros.

«É bom que nos vá dando conhecimento destes casos para abalar as nossas consciências», 500 euros. De Sesimbra, nas vésperas de uma delicada operação, 150 euros. Ainda Castelo Branco, 50 euros, por mês. De Braga, 250 euros e, de Seia, 150 euros. De Queluz, vale de 240 euros, a pedir o NIB da conta bancária.

Da Rua Infanta D. Maria, de Coimbra, um anónimo, cem euros, todos os meses. Do Alto de S. João 600 euros e, do Bairro Monte Formoso, cem. Rua Luís de Camões, 50 euros e, de Padre Manuel da Nóbrega, 100 euros. «Que o Senhor o ajude a continuar a luta pelo bem dos que sofrem», 100 euros. A mesma quantia de uma amiga de Portimão a viver em Odivelas e mais, cinquenta, de Esmoriz; o mesmo da Figueira da Foz.

A amiga de Fiães, não nos esquece. E a Maria Rosalina, da Cova da Piedade, manda dez euros. Tiago Ferreira, de Lisboa, 2.500 euros; da Trav. do Pinheiro, mil euros, a mesma importância da Quinta das mil Flores e da Av. Almirante Reis, 50 euros. «Pedindo somente o favor de nos lembrar nas suas orações», 60 euros. Lembro com muito gosto e algum proveito. É agradável a Deus rezarmos uns pelos outros.

Rua Ramalho Ortigão, Amiga, 100 euros. Av. Luís Bívar: «Dou muitas graças a Deus por eu e minha família sempre trabalharmos (...) amalhámos e podemos agora partilhar convosco, alguma coisa», 200 euros. Mais cem euros, das Amigas de Cascais.

«Venho juntar um cheque embora pedindo o anonimato (...) nesta semana maior», 3.000 euros. Pela quantia e pela discrição vê-se ser pessoa crente na Ressurreição do Senhor e na sua própria ressurreição. Só os Fiéis são capazes destes rasgos. A mesma afirmação com a força que só Deus mede: «Um pequeno contributo com muita admiração e agradecimento pelo seu trabalho e dedicação aos mais necessitados», 5.000 euros.

«Ao ler O Gaiato desta última quinzena, quem não ficaria tocada pela causa nele relatada no Património dos Pobres desta vez?!», 100 euros.

«Para aliviar as dores e sofrimentos de algum dos seus Pobres que relata no Jornal e que nos toca o coração obrigando-nos a não ser tão gananciosos e avaros», 100 euros.

«Desejando uma Santa Páscoa», 20 euros. De uma extremosa mãe, cem, duas vezes e mais cinquenta. «O senhor choca-me com as suas atitudes de socorrer os mais necessitados», 60 euros. «Mando cheque com a renúncia quaresmal minha e de minha irmã que tem Alzheimer. Quando ela estava saudável era assim que fazíamos», 100 euros. Gente pobre que sempre soube repartir.

«Tinha ideia de, quando fosse à Baixa comprar uns sapatos muito bonitos. Assim, como estamos na Páscoa, renuncio a eles e ajudo o Sr. Pe. Acílio». O que os pobres fazem às almas!...

«Para o caso que refere n' O GAIATO, de 28 de Março», 100 euros. «Não necessito de resposta. Para a ajuda da compra da casa da Senhora que toma conta do rapaz tetraplégico», 750 euros. «O Senhor da Messe contabiliza; inútil serve de Cristo», 20 euros. É destes, que assumem perante Ele, a sua inutilidade, que vem a nossa riqueza. Assinante 75493, deixou ao Pe. Manuel Mendes, para o Património, três notas de 50 euros.

Um cheque de cinquenta euros acompanhado deste desejo: «Estas migalhas sagradas, que nas vossas mãos se multipliquem como o milagre de Deus dos pães e dos peixes». Estes valores, pequeninos ao olhos dos homens, aos de Deus são gigantescos! Com eles fazemos os prodígios expostos!...

O Eng. Amaro transfere, todos os meses, para a conta do Património, 93 euros; e o João Maria, 70 euros, também mensalmente. A Sara fez o mesmo, uma vez, com os seus em festa de família, 350 euros; e o Eng. David, 300 euros.

Do Redondo 90 euros, embalados em carinho e santidade. □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

## Casca de ovo

COMO vai o Céu não será relevante. Como se vai para lá, é um convite decisivo e importante, na vida humana. Nesta religião, o conhecimento sério dos segredos naturais e a sua aplicação benéfica aproximam do Criador.

A descoberta da vida nascente atrai muito, desde a infância, nomeadamente quando se contacta directamente com a realidade. Os ovos, de que espécie sejam, provocam curiosidade, pela sua beleza, surpresa ou variedade.

Havia que repovoar a capoeira doméstica, sem receio da gripe; o que tem acontecido e com resultados visíveis. Evidentemente que os corpos arredondados, produzidos em casa, são úteis na nossa alimentação familiar e até capazes de arregalar os olhos de garotos dados ao fastio.

Os ovos de ganso, de maior calibre, têm sido protegidos, no choco, para que estes *seguranças*, ruidosos, proliferem.

Os ninhos das pombas encon-

tram-se em sítios altaneiros, como as palmeiras, cujo raizame é violento. Acontece que estas aves pacíficas levam primazia, no encanto dos filhos desta Casa, numa povoação em cujo topónimo figura o corvo, de plumagem negra e a proteger.

Com os dias primaveris, a sinfonia natural vai-se estendendo; e tentando os Rapazes no encaço dos cantadores. Na pausa lectiva, com actividades agrícolas à bica, tiveram oportunidade de se desviar e apreciar a circunstância natural que os prende.

Como a população da passareira baixou e não era viável mercar aves, *condoeram-se* de algumas crias, caídas dos ninhos.

Nesta operação, *asas seguras*, até foi deslocada uma cana de estacar feijões, para detectar esses abrigos, e treparam a muros, inspeccionando sebes. Mesmo em aparente transgressão, foi bem sucedida. Porém, os anjos da guarda não podem ter descanso.

Algumas caixas de cartão foram recicladas, em ninhos com tecto. E palha, da manjedoura do ovel, foi

transferida para essas modestas construções. Os pombitos ficaram radiantes, a debicar milho moído, dos galináceos. Há-de chegar para todos, se for semeado e bem distribuído.

Com um observador, um tanto chocado, prendemo-nos a um pequeno ser, alado e sem penugem, inanimado numa casca de ovo, quebrada, meia partida. Foram muitos os pedaços de invólucros calcários que tombaram das alturas, para os pés das palmáceas.

O Joaquim foi um dos promotores desta *campanha pró-vida*.

Curiosamente, douta Juíza de Direito, da Beira Baixa, despachou, por mais um ano, sobre os irmãos: «inexiste alternativa à institucionalização dos menores, porquanto não têm família nem projecto de vida alternativo».

É significativo que filhos da desventura aprendam a respeitar os filhotes caídos, não seguindo a selecção natural. Assim, poderão ultrapassar os ninhos desfeitos e, da casca quebrada, de cada um deles, na nossa Família, brotará uma vida nova! □

## Festa-Encontro dos Gaiatos de Pai Américo em Coimbra — 9 de Maio

A Casa do Gaiato de Miranda do Corvo vai perfazer 70 anos de vida! Mais de um milhar de Rapazes viveram nesta Família, que Pai Américo lançou. É um momento propício para uma grande festa-encontro da Obra da Rua com os nossos Amigos, a 9 de Maio, pelas 15h00. Os «Batatinhas» também querem (en)cantar!

Contactos: Teatro Académico de Gil Vicente - Praça da República, 3000-343 Coimbra. Telef. 239 855 630; Fax: 239 855 637; E-mail: [HYPERLINKmailto:teatro@tagv.uc.pt](mailto:HYPERLINKmailto:teatro@tagv.uc.pt) teatro@tagv.uc.pt. Bilheteira: Telef. 239 855 636; horário: segunda a sábado: 17h00 - 22h00. As reservas têm de ser levantadas durante os três dias seguidos ao pedido, ou serão anuladas. Só se aceitam reservas até três dias antes do espectáculo. □